

OS AUTOS DE JOSÉ DE ANCHIETA E O IMAGINÁRIO RELIGIOSO: FICÇÃO X TEXTO SAGRADO *

Mirian Aparecida DEBONI

RESUMO *A proposta desta pesquisa concentra-se no estudo de alguns textos de José de Anchieta: O Pelote Domingueiro; canção da Cordeirinha Linda; Na visitação de Santa Isabel; Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao padre Provincial Marçal Beliarde; Recebimento do Administrador Simões Pereira; Recebimento do P. Marcos da Costa e de alguns fragmentos dos autos Na festa de São Lourenço e Na festa do Natal ou Pregação Universal.*

O principal objetivo deste estudo foi analisar como José de Anchieta adaptou seu pensamento religioso ao conhecimento presumível dos espectadores de sua obra, sendo eles os colonos, os índios e os próprios padres que à colônia foram enviados. Buscou-se analisar como determinadas mensagens bíblicas foram transfiguradas em tais textos a fim de que pudessem ser melhor entendidas por seu público.

Buscou-se, também, demonstrar que Anchieta não foi só um exemplar jesuíta, fiel discípulo dos ensinamentos de seu mestre Inácio de Loyola, como foi também um poeta cuja obra catequética tem valores literários. Tais aspectos são perceptíveis no trabalho com a linguagem e no uso de recursos literários, como alegorias, figuras e metáforas, os quais estão presentes nos textos analisados.

Nesse artigo iremos focalizar especificamente a análise do texto O pelote domingueiro.

ABSTRACT *This research focuses on the study of some texts of Jose de Anchieta: O Pelote Domingueiro; Canção da Cordeirinha Linda; Na visitação de Santa Isabel; Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao padre Provincial Marçal Beliarde; Recebimento do Administrador Simões Pereira; Recebimento do P. Marcos da Costa and of some fragments of the Autos Na festa de São Lourenço and Na festa do Natal ou Pregação Universal. The main goal is to analyze how Jose de Anchieta adapted his religious thought to the supposed knowledge of the spectators*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria e História Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 18 de novembro de 2002, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Suzi Frankl Sperber.

of his catechist job: the colonists, the Indians, and the own fathers that were sent to the colonies. Another aim was to analyze how certain biblical messages were depicted in his texts in the best and most efficient way to be better understood by its audience. Finally, I wanted to show that, though being an exemplary Jesuit and faithful disciple of the teachings of his master Inacio de Loyola, his work, with exception of the aspect of Christian beliefs, also had perceptible literary aspects in his managing with language through the use of literary mechanisms, as allegories, images and metaphors, present in the texts analyzed. This article will focus specifically on the analysis of the text *O pelote domingueiro*.

INTRODUÇÃO

A dissertação *Os autos de José de Anchieta e o imaginário religioso: ficção X texto sagrado* é resultado de um estudo de alguns textos de José de Anchieta. A primeira análise textual desse trabalho aborda o poema *O pelote domingueiro*. Nesse texto, analisamos as metáforas que dão forma à alegoria da perda da graça de Deus por Adão e Eva, bem como à morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Em seguida, analisamos o desvelamento das metáforas na cantiga *Cordeirinha Linda*. Para tanto, descrevemos como Anchieta narra a história da Cordeirinha Linda a seus espectadores utilizando metáforas ligadas ao campo semântico da alimentação.

Analisamos, também, o texto chamado *Na visitação de Santa Isabel*. Nosso principal objetivo nesse estudo foi analisar as inúmeras metáforas relacionadas ao campo semântico da alimentação e da água, as quais representam a cena bíblica da visita de Maria a sua prima Isabel e o modo como se deu a concepção de Jesus no ventre de Maria.

Por fim, fizemos uma análise dos recebimentos dos padres Marcos da Costa, Bartolomeu Simões Pereira e Marçal Beliarte em uma determinada aldeia. De forma mais geral, percebemos que os padres são designados ora como pastores, ora como vigários, entre outras imagens. Interessou-nos estudar as imagens utilizadas pelo autor para dar melhor visibilidade à imagem do visitante a ser recebido. Analisamos, também, nesses recebimentos, um caráter de exemplaridade, assim como notamos um caráter figural, que faz com que a visita à aldeia seja vislumbrada como renovação e repetição do evento da vinda de Jesus Cristo ao mundo. Para o estudo desse aspecto, trabalhamos com trechos dos seguintes textos anchietanos: *Recebimento do Padre Bartolomeu Simões Pereira*, *Recebimento do Padre Marcos da Costa*, *Recebimento do padre Marçal Beliarte*.

Nesse artigo iremos nos ater a exposição da análise do texto *O pelote domingueiro*¹. No entanto, queremos deixar registrado que o objetivo principal da análise de todos textos mencionados foi justamente desvendar os procedimentos literários utilizados por Anchieta. Buscamos, com essas análises, mostrar que, apesar de Anchieta ser um exemplar jesuíta, fiel discípulo dos ensinamentos de seu mestre Inácio de Loyola, esses textos possuem, afora o aspecto de catequese, um aspecto também literário, no qual é perceptível o trabalho com a linguagem através do uso de mecanismos literários, como alegorias, figuras e metáforas.

METÁFORAS, ALEGORIAS E FIGURAS NO TEXTO *O PELOTE DOMINGUEIRO*²

No primeiro ato do auto intitulado *Na Festa do Natal ou Pregação Universal*³, conta-se alegoricamente a história do pecado cometido por Adão e Eva, conforme consta no livro do Gênesis, especificamente no capítulo três. Na alegoria anchietana, há um moleiro (Adão) que perde a sua veste de Domingo, um pelote (a Graça de Deus), roubada por um ladrão (o Demônio). O moleiro será um desgraçado enquanto o pelote não lhe for restituído por seu neto (Jesus).

Lançando mão do didatismo do recurso alegórico, o ensino religioso desse capítulo do Gênesis torna-se possível através da relação de semelhança instaurada entre o código do cotidiano colonial e o código religioso do autor. No texto, veremos que Anchieta ressalta, a todo momento, os elementos com que possa estabelecer analogias com o fato bíblico narrado, a ponto de as alegorias apresentarem-se de fácil compreensão para o seu público.

Atentos para a noção de alegoria como uma “metáfora que é continuada como tropo de pensamento e consiste na substituição do pensamento em causa, por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse pensamento em

¹ Os trechos transcritos do poema serão retirados da obra *Poesias* organizada por Maria de Lourdes de Paula Martins e editada pela Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, no ano de 1954.

² Segundo Maria de Lourdes de Paula Martins, essa composição foi destinada a um 1º de janeiro, festa da Circuncisão, celebrada pela Companhia de Jesus. Segundo suas observações, essa peça não parece original de Anchieta, mas adaptação de alguma composição anterior. (In: MARTINS, *Op. cit.*, p. 399).

³ Na obra organizada pelo Pe. Armando Cardoso, esta cantiga compõe o primeiro e o quinto ato do auto intitulado *Na Festa do Natal ou Pregação Universal*. Já na obra organizada por Maria de Lourdes de Paula Martins, apesar de seu questionamento em relação a uma possível relação entre esse texto e o da *Pregação Universal*, esta cantiga aparece na parte destinada à seleção das poesias em português. Todas as transcrições do texto *O pelote domingueiro* e de outros textos transcritos no decorrer dessa dissertação foram retiradas da obra: *Poesias*. Trans. Trad. e nota de Maria de L. Paula Martins. Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Boletim IV, Museu Paulista: Documento Linguístico, 4, 1954.

causa”⁴, podemos ter em mente o tratamento figurativo dado por Anchieta ao tema da perda da Graça de Deus. As substituições dos conceitos misteriosos por elementos familiares, efetuadas pelo autor através das metáforas, demonstram o grande valor sugestivo das palavras, as quais se apresentam, no texto, como as responsáveis pela visualização do fato bíblico em questão.

O movimento metafórico do texto caminhará do registro familiar - o código do cotidiano colonial - para o misterioso - o código da ortodoxia cristã. O que ocorre realmente é uma acomodação do código cristão: o fato bíblico da queda do homem é reorganizado, reconstruído, recontado por elementos e personagens que mantêm uma analogia com os elementos e personagens da história bíblica.

O primeiro ato deixa claro que o moleiro representa o personagem bíblico Adão, o pelote representa a Graça de Deus, o ladrão do pelote representa Lúcifer, o que se dá através da substituição dos termos relativos a mistérios (Graça de Deus, Adão, Eva) por elementos familiares (pelote, moleiro, moleira), respectivamente. A substituição de um elemento por outro só se faz possível devido à determinação de alguma analogia entre eles, o que possibilita um estar no lugar do outro, ou melhor, um estar significando o outro.

Segundo João Adolfo Hansen, a alegoria surge da transposição semântica de um signo em presença para um signo em ausência. Neste sentido, os elementos misteriosos utilizados por Anchieta estariam, segundo a teoria de Hansen, em uma relação do que ele chama de *in absentia*, já que eles se fazem somente visíveis nas metáforas que emergem do texto. Já os elementos familiares ao cotidiano dos colonos estariam em uma relação de *in praesentia*, pois são apresentados pelo autor no decorrer de sua escrita. No texto anchietano, essa transposição de um elemento para o outro surge nas inúmeras metáforas criadas em todo o texto, as quais serão responsáveis pela visualização da alegoria da perda da Graça de Deus pelo homem.

Assim, Hansen diz:

A alegoria põe em funcionamento duas operações simultâneas. Como nomeação particularizante de um sensível ou visível, opera por partes encadeadas num contínuo; enquanto referência a um significado *in absentia*, opera por analogia, através de alusão e substituição.⁵

Para tornar inteligível a importância e a necessidade de manter-se na Graça de Deus, o autor substituirá esse conceito misterioso, místico, por um objeto familiar, prosaico, no caso o pelote domingueiro. Ao possibilitar a visualização de um mistério nas características familiares do pelote, dispõe a Graça de Deus diante dos

⁴ LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. p. 249.

⁵ HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986. p. 16.

olhos de seus ouvintes. Aqui temos um elemento *in absentia* (Graça de Deus) sendo substituído por um elemento familiar (o pelote). O que ocorre de fato é a transposição do valor econômico e da utilidade material do pelote para entendimento e visualização do sentido da Graça de Deus. Para tanto, Anchieta construirá seu texto comparando o pelote domingueiro a bens valiosos:

I
Era homem muito honrado,
quando logo lho vestiram.
Mas depois que lho despiram,
ficou vil e desprezado.
Ó que sêda! E que brocado
perdeste, pobre moleiro,
em perder teu domingueiro!

II
Era u'a peça, a mais fina
de tôdas quantas tivera.
S'êle bem o defendera,
não jogaram de rapina.
A cobra ladra e malina,
com inveja do moleiro,
apanhou-lhe o domingueiro.

Nestes versos, o autor descreve o pelote como uma peça muito fina, comparado ao brocado, à seda. O conhecimento desses elementos pelos colonos, por seu valor econômico, faz com que a comparação com o pelote seja possível. Sabendo que o pelote se refere à Graça de Deus e que é algo de muito valor, espera-se do público a conclusão de que sua perda tenha o mesmo efeito de não possuir mais esses elementos valiosos. Nesse sentido, a Graça de Deus também parece ao público algo de muito valor, não somente econômico, mas também por sua utilidade material.

III
Era feito de tal sorte
que tôda a casa vestia.
Em nenhum modo podia
furtar-se, senão por morte.
Foi morrer, embora forte,
pecando, o pobre moleiro,
e ficou sem domingueiro.

IV
Os pobretes cachopinhos
ficaram mortos de frio,
quando o pai, com desvario,
deu na lama de focinhos.
Cercou todos os caminhos
o ladrão, com seu bicheiro,
e rapou-lhe o domingueiro.

Logo após a representação da Graça de Deus, Anchieta irá apropriar-se de elementos do cotidiano do colono com que possa dar continuidade à narração de sua perda. Para tanto, o autor se esforçará para manter-se fiel ao que se encontra narrado nos primeiros capítulos do livro do Gênese. De início, o autor substituirá cada personagem bíblica por uma personagem correspondente no universo do colono.

O pelote, como vimos, substitui a Graça de Deus; o moleiro, a figura de Adão; a cobra malina, a Lúcifer; Eva, mulher de Adão, será a moleira, designada no auto pela cachopa embonecada, e o neto do moleiro Adão será Jesus.

Assim como Eva, a mulher do moleiro também irá induzi-lo a comer do fruto proibido. A árvore do conhecimento do bem e do mal (conforme consta no relato

bíblico) será substituída pela maquiias – porção do produto retirado pelos moleiros em pagamento de mão-de-obra. As estrofes abaixo recompõem a história bíblica do pecado original:

V
A mulher que lhe foi dada,
cuidando furtar maquiias,
com debates e porfias
foi da graça maquiada.
Ela nua e esbulhada,
fêz furtar ao moleiro
o seu rico domingueiro.

VIII
Pareceu-lhe mui galante
a cachola a cachopa embonecada
que em ser e que em ser a sua namorada,
seria a Deu seria a Deus semelhante.
Seu pai se lhe pôs diante
e, sem dote e sem dinheiro,
lhe rapou seu Domingueiro.

VI
Tôda bêbada do vinho
da soberba, que tomou,
o moleiro derrubou
no limiar do moinho.
Acudiu o seu vizinho
Satanás, muito matreiro,
e rapou-lhe o domingueiro

IX
Parvo, por que te perdias
por tão feia regateira?
Cuidavas que era moleira,
que furtava bem maquiias?
Não houveste o que querias,
com ficar, por derradeiro,
sem teu rico domingueiro.

VII
Êle muito namorado,
da soberba e inchação
cuidou ter melhor gabão
e ser tido por letrado.
Mas achou-se salteado
o mofino do moleiro,
sem pelote domingueiro.

Nas estrofes V, VII, VIII, IX o autor faz uma espécie de resumo do pecado cometido por Adão e Eva ao quererem tornar-se iguais a Deus. A desobediência dos primeiros homens aos preceitos divinos é representada de forma figurada na Bíblia. No texto bíblico, o desejo de Adão e Eva de tornarem-se semelhantes a Deus será representado pelo desejo de apoderarem-se da árvore do conhecimento do Bem e do Mal. Já no texto anchietano, esse fato bíblico tem sua correspondência na representação do desejo do moleiro e da moleira de apoderarem-se das maquiias. Seguindo o mesmo procedimento, na estrofe VI o vinho está simbolizando as características da soberba de Adão: tanto o vinho como a soberba levam as pessoas a sentirem-se fora de seus domínios normais. Já o desejo de Adão de tornar-se igual a Deus será representado pelo desejo do moleiro de vir a tornar-se letrado, como consta na estrofe VII.

Ainda em relação às citações acima, na estrofe IX o substantivo *regateira*, usado para designar a mulher do moleiro, é bem sugestivo no sentido de que nos ajuda a entender o processo metafórico instaurado no texto. A palavra *regateira*, no vernáculo, significa mulher que regateia, vendedora ambulante, mulher que vende no mercado, mulher pechincheira. Na tentativa de explicar o prejuízo do mau ato de Adão e Eva de deixarem-se seduzir pelo Diabo a ponto de verem-se sem a Graça de Deus, o autor irá se valer do sistema de compra e troca. Desse modo, a cachopa embonecada, a mulher do moleiro, passa também a ser uma regateira ao induzir seu marido a tão péssimo negócio, que foi a venda do pelote domingueiro. Na estrofe VIII, está registrado todo o sistema pelo qual se deu a “venda” do pelote: ele foi vendido e, em troca, não houve nem dote e nem dinheiro por tão valiosa peça.

X
Tinha um monte de botões
em o quarto dianteiro,
que lhe deram sem dinheiro,
que são os divinos dões.
Por menos de dois tostões,
foi o parvo do moleiro
vender tal domingueiro!

XI
O pelote foi-lhe dado
para o domingo sòmente,
com que vivesse contente,
sem fadiga e sem cuidado.
Agora, mui trabalhado,
geme o triste do moleiro
sem pelote domingueiro.

XII
Com o pelote faltar,
cessarão tôdas as festas.
Foi contando com as bestas,
para sempre trabalhar.
S'isto bem quisera olhar,
o coitado do moleiro
não perdera o domingueiro.

Na estrofe X, acima transcrita, o prejuízo ainda se mostra maior quando resgata a idéia de que o pelote foi dado ao moleiro, como a Graça de Deus foi dada a Adão, sem lhe custar nada, e o pobre, ao vendê-lo, nenhum lucro obteve: vendeu-o por menos de dois tostões e não ganhou penhor algum. Nessas estrofes está claro o intuito do autor de fazer visualizar o mistério da Graça de Deus: o grande mistério que se faz visualizar aqui é que aquilo que é dado de graça, embora o seja, tem um enorme valor e não pode ser “barateado”, pelo contrário, deve ser cuidado como algo de valor mais precioso. A Graça, vamos assim dizer, não tem valor de troca, não é um bem disponível no mercado... O erro maior do moleiro e da moleira foi tornar a Graça de Deus um produto de compra e venda.

A idéia se amplifica ainda mais nas estrofes restantes, em que se registra o prejuízo que o moleiro sofreu. Nas estrofes XI e XII, há uma clara referência ao livro do Gênese, especificamente ao terceiro capítulo, que enumera os castigos dados a Adão e Eva por sua transgressão à Lei de Deus.

A perda do pelote acarreta ao moleiro, como a Adão e à sua descendência, fadigas e dores. Na estrofe XI, Anchieta anuncia a seus ouvintes os castigos advindos da perda do pelote: muito trabalho, constantes gemidos, cansaço, falta de festas. Enfim, a expulsão do paraíso. A enumeração desses castigos ressalta a desgraça que se abateu sobre a vida do moleiro, ao mesmo tempo em que instaura um certo terror entre os ouvintes, a fim de persuadi-los a aderir a um projeto de vida em conformidade com os parâmetros católicos de conduta.

O homem, ao tornar-se soberbo e ao desobedecer os preceitos divinos, introduz o pecado no mundo. A introdução do pecado tem como conseqüência para a humanidade a entrada da morte no mundo, como já expusemos ao analisar as estrofes III e IV. Mas, antes mesmo dessa possível morte, cabe à geração de Adão, como castigo, sofrer certas punições: o homem já não tem domínio sobre seu próprio corpo, estando sujeito a todo tipo de sofrimento.

A perda do pelote não é apenas um prejuízo material, mas sobretudo pessoal. As antíteses, mais do que nunca, exemplificam essa trajetória. São inúmeros os adjetivos que qualificam o moleiro como possuidor do pelote e inúmeros os outros, em contraste com os primeiros, que o desqualificam como não possuidor, sendo eles: honrado/vil, desprezado; sem fadiga/mofino; rico/pobre; contente/parvo; contente/triste; graça/valor de troca.

Os adjetivos da primeira série referem-se ao moleiro quando possuidor do pelote e os segundos ao moleiro destituído da vestimenta. Com isso, resta ao público a escolha do paradigma no qual deseja encaixar-se.

O final do texto será uma descrição da Encarnação de Jesus Cristo a fim de proporcionar à humanidade o retorno da Graça de Deus. Deste modo, o filho de Deus estará simbolizado na figura do neto do moleiro. No texto, Jesus (como Homem) é descendente do moleiro Adão.

XIII

Já tornaram ao moleiro
o pelote domingueiro.

O diabo lhe furtou
o pelote por enganos.
Mas, depois de muitos anos,
um seu neto lho tornou.

Por isso, carne tomou
de uma filha do moleiro,
por pelote domingueiro.

XIV

Quis vestido aparecer
em pelote de somana,
porque vem, com carne humana,
a trabalhos padecer
e no feno se envolver,
para tornar ao moleiro
seu pelote domingueiro.

O advento de Cristo estará simbolizado na figura do pelote e do neto do moleiro. Ambos acabam sendo, nas estrofes finais do texto, a própria carne de Jesus, apresentando-se também como depositários da Graça de Deus. Percebe-se, no ato de tornar Jesus um moleiro, o intuito de melhor representá-lo materialmente e, portanto, visualmente. Dessa maneira, a escolha do neto para representar a Encarnação de Jesus não é aleatória. Com essa escolha, Anchieta consegue dar uma maior concretude ao mistério da Encarnação renovando-o.

Objetivando tornar inteligível a seu público a história do nascimento de Jesus Cristo, o autor irá igualar o ato da maternidade de Maria ao trabalho de uma tecedeira.

XV

Ditoso fôste em achar,
pobre moleiro, tal filha,
que com nova maravilha
tal neto te foi gerar,
que do pano do tear
de tua filha, moleiro,
te tornou teu domingueiro.

XVI

Ó que boa tecedeira,
que tão fino pano urdiu,
com que a culpa se cobriu
do moleiro e da moleira!
Com ficar a tela inteira,
fêz que ao pobre do moleiro
se tornasse o domingueiro.

O pano de tear da tecedeira é, para Nossa Senhora, a sua própria carne. Há aqui a transferência de um ato cotidiano para a explicação do ato divino. O trabalho de

Anchieta, neste sentido, será o de contextualizar, de tornar visível, o mistério da Encarnação através dos atos cotidianos da colônia. O que ocorre é a sobreposição de dois atos: em primeiro nível, temos a cena bem típica de uma tecedeira tecendo seu pano, mais especificamente um pelote. Esse nível nos leva à leitura de outro nível, no qual a moleira identifica-se com Maria. O pano de tear da moleira equivale à carne, ao ventre de Maria, e o pelote, como produto do tear, será o próprio corpo de Jesus Cristo.

Perpassam todo o texto alusões ao martírio de Jesus no momento de sua crucificação. Para tal, o autor irá buscar novamente analogias no cotidiano de seu público para esta Revelação. Como o pelote é metáfora do corpo de Cristo, ele será flagelado, como representante material do corpo divino. Na verdade, é o próprio corpo do neto do moleiro que é açoitado, embora essa agressão seja visualmente representada no pelote.

XVII

De graça lhe foi tornado,
mas custou muito dinheiro
ao neto, que foi terceiro,
para ser desempenhado.
Foi mui caro resgatado
(ditoso de ti, moleiro!)
teu pelote domingueiro.

XVIII

Se tinha muitos botões
o saio, na dianteira,
tem agora, na traseira,
mais de cinco mil cordões
- os açoites e vergões
com que o neto do moleiro
fêz tornar o Domingueiro.

Ao reconstruir a Encarnação, a Vida e a Morte de Jesus, o autor sinaliza ao seu público/ator o erro do ato do moleiro e de sua esposa, ao tornar o pelote em um mero objeto de venda ou troca, bem como negar seu estado de dependência de Deus.

A representação da Encarnação e da Crucificação de Jesus tem a função de melhor vincular, no texto anchietano, a mensagem divina subjacente a estes mistérios: mostra o caráter expiatório (castigo, penitência, cumprimento de pena) para com os pecados humanos. O pelote é o fino pano que a culpa do moleiro e de sua esposa cobriu, em analogia com o corpo e o sangue de Jesus pelos cristãos derramado, conforme a estrofe XVI, acima transcrita.

Assim, vimos que a representação da figura de Adão, como moleiro, torna-se possível pela utilização do recurso alegórico e como esse tipo de representação busca colocar o moleiro/Adão no esquema da história do mundo, proporcionando a esta figura uma maior presença efetiva na temporalidade mundana.

Logo após essa representação alegórica da figura de Adão, o autor utiliza essa personagem, ou melhor, seu neto, como Encarnação de Jesus, reproduzindo certas passagens de Sua vida e de Sua morte. Somente após a máxima concretização da figura de Adão, ou seja, sua inserção no cotidiano da colônia, a qual se dá, como vimos, pela busca de sua visualização na personagem do moleiro e de seu neto como Encarnação do filho de Deus, é que Jesus poderia vir a ser apresentado, no final do

texto, como preenchimento da figura de moleiro/Adão. Segundo a tradição católica, Jesus é visto como o “novo Adão”. Tanto Adão como Jesus foram criados por Deus para dar continuidade à criação de Seus filhos. Adão, por desobediência, cai em pecado e mostra-se impossibilitado de tal ato. Cabe a Jesus, portanto, dar continuidade à “tarefa” divina.

Viva o segundo Adão,
que “Jesus” por nome tem!
Viva Jesus, nosso bem!
Jesus, nosso capitão!
Hoje, na circuncisão,
se tornou Jesus moleiro
por tornar o domingueiro.

É nesse momento que o recurso figural tem papel fundamental⁶. Por ele, Anchieta consegue, conforme o que é intrínseco no recurso figural, repetir a vinda de Cristo, reafirmando sua presença e sua função no mundo enquanto seu salvador. Esse recurso propicia uma forma de melhor presentificação material e, portanto, visual de Jesus Cristo.

No texto anchietano, o recurso figural estará a todo o momento mesclado ao recurso alegórico. Para a representação da Graça de Deus utiliza-se da alegoria do pelote, para o advento de Cristo utiliza-se da figura do neto do moleiro, como carne de Cristo, conforme acima analisado. Já para a figura de Maria, Sua mãe, utiliza-se de uma tecedeira.

No percurso da obra, o autor irá utilizar-se de outro recurso para que a queda de Adão e Eva seja vista por seu público: a alegoria do trigo. Para entendermos essa alegoria, devemos pensar na utilidade que a farinha tinha na subsistência da colônia e nas expedições guerreiras, sendo que sua produção poderia ser de boa ou má qualidade, dependendo do trigo que foi utilizado em sua feitura. O mau uso do trigo acarreta a má produção de farinha, isto a nível, digamos, dos fatos corriqueiros do cotidiano dos colonos.

⁶ Auerbach define o método figural como sendo “uma relação entre dois acontecimentos, ambos históricos, na qual um deles se torna significativo não apenas em si mesmo mas também para o outro, que, por sua vez, enfatiza e completa o primeiro” (AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Atica, 1997. p 79).

XIX

Se quiseres moer trigo
do divino mandamento,
dentro ao teu entendimento
não passaras tal perigo.
Pois quiseste ser amigo
de ladrão tão sorrateiro,
andarás sem domingueiro.

XX

Mui formoso trigo tinha,
que era a humana natureza,
mas moeu-o tão depressa,
que fêz muito má farinha.
E por isso, tão azinha
apanharam ao moleiro
seu pelote domingueiro

Haveria, para o autor, um único caminho correto a ser seguido. A escolha invidiada acarreta ao moleiro determinadas punições. O mau uso do trigo pressupõe a produção de má farinha, o que, alegoricamente, equivale à má conduta de vida que leva ao pecado e, conseqüentemente, à perda da graça de Deus.

Temos dois níveis de leitura das estrofes acima transcritas: no primeiro, temos o trigo que gerou uma farinha não muito satisfatória; em segundo nível, temos uma explícita designação do trigo como correspondendo à natureza humana que, por sua vez, também produziu uma má farinha. Esse fato é melhor entendido se nos ativermos ao contexto cristão em que se inscreve o poema. Nele, a má produção de farinha corresponde ao mau zelo com a alma humana, acarretando o pecado e a perda da Graça de Deus.

Para persuadir seu público de tal fato, Anchieta mostrará as conseqüências do ato de não seguir os mandamentos divinos. Lembrando o moleiro que perde sua veste de domingo ao viver uma vida desgarrada e simbolizada pela má produção de farinha, o autor dá a seu público conselhos de como reverter essa situação ao seguir Jesus e retornar à Graça de Deus.

XXI

Nem te bastara poupar
as maquinas do moinho,
nem deixar de beber vinho,
nem seis meses jejuar,
para poder ajuntar
tanta soma de dinheiro,
que comprasses domingueiro.

XXII

Nem bastaram petições
em que foram bem compostas,
nem que levaras às costas,
muitos sacos d'aflições.
Só as dores e orações
dêste teu neto, moleiro,
ganharam o domingueiro.

Para finalizar, podemos dizer que o que fizemos até agora foi tentar delinear o caminho persuasivo que une todas as estrofes aqui analisadas, ou seja, a tentativa de materializar, de encontrar algo em que fosse possível a visualização dos mistérios da fé. Ao transformar a Graça de Deus em pelote, Adão em moleiro, Eva em esposa do moleiro etc, o autor mostrou-se mais persuasivo em seu intento de tornar conhecidas

as verdades contidas no Livro Sagrado e, sobretudo, de propiciar a todos os espectadores a visualização dessas verdades.

CONCLUSÃO

A análise do poema *O pelote domingueiro* e de outros textos presentes na dissertação permite-nos afirmar que há duas faces nesses textos: a catequética e a literária. Em momento algum tivemos a intenção de desmerecer sua face catequética, mas de explorar a literária, muitas vezes esquecida nos estudos da obra do mencionado jesuíta. Acreditamos que o caráter catequético e o literário caminham juntos em muitos de seus textos, talvez ampliando o alcance missionário dos mesmos.

Nos textos analisados na dissertação e na exposição do texto acima, pudemos vislumbrar diferentes formas utilizadas pelo autor para veicular os fatos bíblicos ao público que desejava catequizar. Buscamos mostrar os diferentes recursos literários, como metáforas, figuras e alegorias dos quais Anchieta se apropriou para tornar mais próximas de seu público os conceitos e ideais católicos que desejava inculcar-lhe.

Podemos apontar, nesses textos, uma mensagem a ser passada ao público, a qual chamaríamos de “texto 1” e que corresponde ao fato bíblico em si, o fato ou imagem concreta utilizado pelo autor para compor o recurso lingüístico utilizado (metáfora, alegoria ou figura) e uma moldura através da qual o texto 1 é veiculado ao público, que chamaríamos de “texto 2”. Ou seja, no texto *O Pelote Domingueiro*, o texto 1 seria a perda da graça de Deus por Adão e Eva, conforme narra o Livro do Gênesis; o recurso utilizado é a alegoria e a metáfora, na qual o “pelote” corresponde à “graça de Deus”, o “moleiro” a “Adão” e a “moleira” a “Eva” e o texto 2 seria a perda do pelote por parte do moleiro, moldura utilizada para narrar o fato bíblico em questão.

Há em todos os textos analisados a sobreposição de dois níveis de leitura: em um primeiro nível, temos uma cena do conhecimento do espectador ao qual a representação se dirige e que, por sua vez, serve como moldura no qual se encaixa o fato a ser representado, que são os mistérios divinos. Podemos dizer que a representação do fato bíblico só se faz possível pelo estabelecimento de analogias entre ele e o mundo real. Devido ao fato de os relatos da sagrada escritura mostrarem-se diferentes dos fatos do mundo real utilizados para veiculá-los, torna-se necessário explicitar as analogias, procedimento utilizado por Anchieta ao fim de todos os textos analisados.

Daí atribuímos a alguns textos catequéticos de José de Anchieta o atributo de ficcionais. Não pretendemos postular que o autor alterava a mensagem religiosa que gostaria de passar e que criar estórias era seu objetivo primeiro. A nosso ver, a ficcionalidade dos textos anchietanos estaria no fato de o autor utilizar-se de

“molduras”, “estruturas ficcionais”, “sub-enredos” como intermediários entre os fatos bíblicos em si e o público alvo. Além disso, não podemos esquecer que o autor, ao final dos textos, explicitava as analogias feitas, deixando claro a que fatos bíblicos correspondiam os fatos concretos presentes na encenação.

Ao utilizar-se de metáforas, de alegorias e de figuras, Anchieta consegue de forma extraordinária exprimir os dois lados de sua mais alta qualidade, ou seja, o de literato e de jesuíta. Utilizando-se em maior ou menor grau desses recursos, o autor busca de forma artística cumprir a sua missão evangélica como autêntico soldado de Loyola que foi, ou melhor, possivelmente o único que soube unir missão evangélica à literatura. Outros, como Nóbrega, que tão bem desenvolveram seus trabalhos evangélicos, não tiveram a argúcia e a sensibilidade poética e artística de Anchieta. Em meio a uma difícil missão, regida por regras tão estritas como as da Companhia de Jesus, e em meio a um momento de tão pouca liberdade de expressão, Anchieta conseguiu criar uma obra que não deixava de seguir os mais restritos dogmas e primícias da Igreja Católica, mas que ao mesmo tempo soube ser inovadora. Inovação que está justamente em sua faceta literária: é nesse arguto artifício que reside o fascínio de tais textos, não só para o conjunto de interlocutores daquele momento histórico como também para um número significativo de estudiosos que se interessaram pela sua obra.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AUERBACH, Erich. (1997). *Figura*. São Paulo: Ática.

HANSEN, João Adolfo. (1986). *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual.

LAUSBERG, Heinrich. (1993). *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MARTINS, Maria de Lourdes de Paula. (1954) (org.). *Poesias*. Transcrição, tradução e notas de Maria de Lourdes de Paula Martins. São Paulo: Boletim IV, Museu Paulista.